

O que pensam adultos em idade reprodutiva e sem filhos acerca da gestação de substituição?

Carolino, N. ¹ Galhardo, A.^{1,2} Moura-Ramos, M.² & Cunha, M.^{1,2}

¹ Instituto Superior Miguel Torga; ² CINEICC – Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra

Introdução

A Gestação de Substituição (GS) é uma das técnicas de reprodução medicamente assistida mais controversas, envolvendo diversas questões de ordem cultural e social (Jadva, Murray, Lycett, MacCallum, Golombok, 2003). Legalizada em vários países, a GS corresponde à situação em que “uma mulher carrega e tem o parto de uma criança de outra pessoa ou casal” (SPRM, 2015). Geralmente, é estabelecido um contrato legal, por forma a não haver constrangimentos para nenhuma das partes (Carter, 2014). Em Portugal, a GS foi recentemente legalizada, porém ainda não efetivamente regulamentada.

Por forma a explorar a aceitação desta técnica em Portugal, procurou-se analisar as atitudes de jovens adultos em idade reprodutiva face à GS.

Materiais e Métodos

Participantes: Através de um processo de amostragem por bola de neve, foram inquiridos 551 sujeitos em idade reprodutiva, sem filhos, com idades entre os 18 e os 40 anos. A maioria dos participantes é do sexo feminino ($n = 432$; 78,4%), encontra-se empregado ($n = 329$; 59,9%) e possuem, em média, 15,58 anos de escolaridade ($DP = 2,02$).

Instrumentos: Por forma a avaliar as atitudes face à gestação de substituição, os participantes preencheram um questionário *online*, desenvolvido especificamente para este estudo.

Procedimentos: Os participantes foram recrutados via *e-mail* para a participação nesta investigação. O *e-mail* contemplava os objetivos e condições do estudo e o *link* de acesso à plataforma do questionário. O consentimento informado foi solicitado previamente ao preenchimento do questionário.

Resultados

Os participantes revelaram uma atitude positiva relativamente à GS, sendo que 78% ($n = 405$) concorda com a sua legalização. Face à possibilidade de um/a amigo/a recorrer à GS, 90,7% ($n = 341$) apoiaria a sua decisão. Dos participantes, 80,2% ($n = 296$) apoiaria uma amiga que fosse gestante de substituição. Ainda neste sentido, 81,8% ($n = 306$) dos sujeitos consideram que a GS é uma boa forma de ajudar casais com problemas de fertilidade.

A maioria dos participantes ($n = 360$; 65,3%) revelam o desejo de vir a ter filhos no futuro, sendo que, em média, gostariam de ter 2 filhos ($DP = 0,91$). Face à impossibilidade de ter um filho de forma espontânea, 42,1% ($n = 218$) considerariam a GS como uma opção. Nessas circunstâncias, 85,4% dos homens ($n = 47$) (Tabela 1) revelaram que se sentiriam felizes por poder transmitir valores familiares e 88,3% das mulheres ($n = 144$) (Tabela 2) sentir-se-ia feliz por poder cuidar de uma criança desde o nascimento.

Tabela 1

Atitudes dos homens face a possibilidade de recorrer à gestação de substituição.

Homens	1	2	3	4	5
Feliz por concretizar o meu sonho de ser pai.	10 (8,9%)	14 (12,5%)	24 (21,4%)	35 (31,3%)	29 (25,9%)
Contente por cuidar de uma criança desde o seu nascimento.	8 (7,15%)	7 (6,3%)	17 (15,2%)	45 (40,2%)	35 (31,3%)
Feliz pelo facto de poder transmitir os meus valores familiares.	6 (5,4%)	4 (3,6%)	24 (21,4%)	45 (40,2%)	33 (29,5)
A certa altura, iria sentir que o filho não é realmente meu.	27 (24,1%)	31 (27,7%)	18 (16,1%)	22 (19,6%)	14 (12,5%)
Apreensivo/a sobre eventuais problemas que poderiam surgir durante a gravidez.	14 (12,5%)	24 (21,4%)	32 (28,6%)	26 (23,2%)	16 (14,3%)

Tabela 2

Atitudes das mulheres face a possibilidade de recorrer à gestação de substituição.

Mulheres	1	2	3	4	5
Feliz por concretizar o meu sonho de ser pai.	39 (9,6%)	25 (6,1%)	89 (21,8%)	118 (28,9%)	137 (33,6%)
Contente por cuidar de uma criança desde o seu nascimento.	32 (7,8%)	22 (5,4%)	63 (15,4%)	128 (31,4%)	163 (40,0%)
Feliz pelo facto de poder transmitir os meus valores familiares.	37 (9,1%)	23 (5,6%)	75 (18,4%)	119 (29,2%)	154 (37,7%)
A certa altura, iria sentir que o filho não é realmente meu.	120 (29,4%)	64 (15,7%)	94 (23,0%)	94 (23,0%)	36 (8,8%)
Apreensivo/a sobre eventuais problemas que poderiam surgir durante a gravidez.	50 (12,3%)	67 (16,4%)	101 (24,8%)	119 (29,2%)	71 (17,4%)

Discussão/Conclusão

A maioria dos participantes concorda com a legalização da Gestação de Substituição ainda que, em menor número, equacionem essa possibilidade se confrontados com a impossibilidade de ter um filho biológico por outro meio. Tal poderá estar relacionado com valores e normas sociais, culturais e morais específicas de cada cultura e/ou país. Dada a recente legalização da gestação de substituição em Portugal, a novidade e inexistência de experiências prévias relativamente a esta condição podem também influenciar, de alguma forma, as atitudes face a esta técnica.

Porém, um número considerável de participantes recorreria à GS na impossibilidade de ter filhos de forma natural, considerando que se sentiriam felizes por realizar o seu sonho relativo à parentalidade.

Dada a escassez de investigação, mais estudos são necessários neste domínio.

Referências Bibliográficas

Jadva, V., Murray, C., Lycett, E., MacCallum, F., & Golombok, S. (2003). Surrogacy: the experiences of surrogate mothers. *Human Reproduction*, 18 (10), pp.: 2196 – 2204. doi: 10.1093/humrep/deg397

Carter, J. (2014). What is surrogacy?. The Ethics & Religious Liberty Commission of the Southern Baptist Convention. Acedido em 14, dezembro, 2014, em: <http://erlc.com/documents/pdf/Surrogacy.pdf>

Sociedade Portuguesa da Medicina da Reprodução. Acedido em 13, dezembro, 2014, em: <http://www.spmr.pt/perguntas.php>.